

ANTROPOLOGIA PORTUGUESA

•
Neste número

Práticas Artísticas na Modernidade

*Um Encontro sobre
Antropologia das Artes*

Vol. 11
1993

DEPARTAMENTO DE ANTROPOLOGIA
UNIVERSIDADE DE COIMBRA

Apresentação

Os textos agora reunidos neste número da Antropologia Portuguesa resultam de um Encontro sobre Antropologia das Artes, organizado pela Bienal Universitária de Coimbra com a colaboração da Associação Portuguesa de Antropologia (APA), que teve lugar em Janeiro de 1992 no Museu Municipal Santos Rocha na Figueira da Foz.

Definida a vontade de abordar a criação artística contemporânea – na arquitectura, dança e teatro – do ponto de vista da antropologia social e cultural, a BUC estabeleceu contacto com a APA, através do João Bicker (Museu Antropológico da Universidade de Coimbra), para a programação do Encontro.

Logo que tal tarefa me foi confiada pela direcção da APA, convidei a Filomena Silvano (professora de Antropologia do Espaço no Departamento de Antropologia da FCSH-UNL) e a Maria José Fazenda (professora de Antropologia da Dança na Escola Superior de Dança do IPL) para, em conjunto, definirmos o programa. Foi a sua dedicação e entusiasmo, com a eficácia e o carinho do Rui Valente da BUC, que permitiu que chegassemos a definir quais os objectivos do Encontro e o modo de o organizar, e depois a torná-lo realidade.

Após várias sessões em que discutimos e rabiscámos vários modelos possíveis, definimos o que queríamos, em torno de dois eixos: caracterizar as condições específicas da criação artística na modernidade / encorajar a comunicação entre antropólogos, artistas e estudiosos das várias artes. Assim, optámos por um modelo em que cada um dos três dias do Encontro seria dedicado a uma disciplina artística – Arquitectura, Dança, Teatro – com comunicações de manhã, debates durante a tarde, e actividades paralelas à noite (espectáculos e uma exposição). Convidámos um antropólogo estrangeiro especializado em cada uma das áreas, e colegas que entre nós também a elas se dedicam. Para os debates da tarde, pedimos ao Nuno Portas, ao António Pinto Ribeiro e ao António Augusto

Barros que fossem seus coordenadores, e que os abrissem com uma síntese crítica das respectivas comunicações da manhã.

E durante três dias algumas dezenas de pessoas falaram, viram, discutiram, ouviram, e até mexeram – a Cynthia Novack pôs-nos a todos a experimentar passos de ballet, de ‘contact improvisation’ e de dança tradicional do Gana. Num ambiente de grande energia e entusiasmo intelectual. Entre o Auditório do Museu, os magníficos almoços e jantares aí servidos, e o sol da esplanada à sua entrada – pelo que nunca poderemos agradecer convenientemente à sua Directora, Isabel Pereira, e à sua equipa. Daí para o edifício do Casino onde prolongávamos as conversas para os espectáculos e a exposição, e para os hotéis, pelas noites dentro, pelas ruas da Figueira da Foz.

É evidente que esta antologia não pode captar a qualidade dos encontros, das muitas relações, formais e implícitas, que expressaram cumplicidades e tensões dinâmicas dos antropólogos, artistas e estudiosos, entre si e uns com os outros.

O que aqui fica são os textos das comunicações apresentadas nessas três manhãs. Dada a sua posição privilegiada, sempre no interface de diferentes modos de vida e de diferentes concepções do mundo, a antropologia está particularmente apta para fornecer conceitos e tipos de discurso apropriados para lidar com a organização cultural em contextos de modernidade. O que leva a que alguns termos nela originados passem para um uso popular, nos discursos mediáticos ou no discurso dos políticos, por exemplo, onde perdem qualquer eficácia como instrumentos de conhecimento (multiculturalismo, local/global, creoulização, mestiçagem, etc.). Mas a maioria dos antropólogos tem estado bastante alheada da questão da modernidade e dos instrumentos para a analisar e entender. Só muito recentemente, e ainda minoritariamente, alguns lhe vêm dirigindo a sua atenção. Neste conjunto de textos ficam patentes alguns avanços nesse sentido; embora também algumas inércias e resistências.

Que esta seja uma continuação do Encontro de 92. A continuar.

José António B. Fernandes-Dias
(FBA - UL)